

A SEXUALIDADE DE MULHERES VIOLENTADAS SEXUALMENTE VISTA ATRAVÉS DE UM SOCIODRAMA

Jaciara Caetano Medeiros¹

Viviane Almeida Jeremias²

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar, por meio de um sociodrama temático, a forma como mulheres violentadas sexualmente vivenciam sua sexualidade. Na investigação foram levantados dados como as facilidades e dificuldades encontradas na vida sexual, a relação com os parceiros sexuais, sentimentos de julgamento e autorrepressão e a influência da relação com o corpo e a autoestima na sexualidade. Na ação dramática, as participantes puderam expressar diferentes concepções de sexualidade e sentimentos com relação a ela, mostrando que enfrentam ou enfrentaram diversas dificuldades na vivência da sua sexualidade, retraindo-a ou apresentando demasiado comportamento sexual.

Palavras-chave: Mulher. Violência Sexual. Sociodrama.

1. INTRODUÇÃO

A violência é um problema social global que permeia a história humana, manifestando-se em diferentes sociedades e tradições culturais. Devendo assim, ser compreendida como um fenômeno histórico e social com origem em uma relação de poder, na qual há uma violação do direito de autonomia da vítima. Ela possui diferentes definições e tipologias, dependendo do grupo ou pessoa a qual se direciona e a forma como ela afeta a vítima, podendo ser caracterizada como violência física, moral, psicológica, sexual (SCARPATI; ROSA, 2014).

O presente trabalho abordou a violência sexual contra uma parcela específica da população, as mulheres vítimas de violência sexual. Esse fenômeno afeta muitas mulheres no mundo todo, ocorrendo com vítimas de diferentes classes sociais, espaços e etapas de vida, podendo trazer uma série de consequências graves à vida e à saúde das vítimas.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia. E-mail: jacicm@hotmail.com

² Professora orientadora.:Mestre em Teatro pela UDESC, Psicodramatista Didata Supervisor.

Consequências de ordem física, psíquica e social visto que muitas mulheres passam a ser julgadas pela sociedade, sofrendo discriminação e preconceito (DREZETT, 2003; COSTA 2011). Entretanto, poucas pesquisas foram realizadas a respeito das consequências na sexualidade de mulheres violentadas. Como mulheres que foram violentadas sexualmente vivenciam sua sexualidade?

A sexualidade tem sido um tema de recorrentes debates em diferentes meios e estudada nas diversas áreas, incluindo a psicologia. Discutindo sobre como a mulher vivencia esse aspecto da vida. Contudo, quando se trata de mulheres que sofreram violência sexual, as pesquisas predominam na medicina e na enfermagem — com ênfase nas consequências físicas — com uma defasagem de estudos feitos na área da psicologia (SCARPATI; ROSA, 2014).

Pensando nisso, a pesquisa buscou analisar, por meio do sociodrama, a forma como mulheres violentadas sexualmente vivenciam sua sexualidade, com o propósito de identificar as facilidades e dificuldades na vida sexual dessas mulheres, investigar de que forma se dá a relação com os parceiros sexuais, identificar sentimentos de julgamento e autorrepressão e analisar a influência da relação com o corpo e autoestima na sexualidade.

A escolha do método de coleta de dados foi feita por conta da possível vulnerabilidade que as participantes poderiam se encontrar, além de procurar respostas mais fidedignas e espontâneas no processo. O sociodrama é um método de pesquisa que busca compreender e intervir nas situações-problema do grupo, por meio da ação e comunicação das pessoas. Atua como processo de investigação que proporciona ao grupo a vivência terapêutica de seus conflitos em uma dimensão social, cujo o foco é a identidade comum do drama coletivo, partindo do conflito social para sua subjetivação (TOLOI, 2015).

O estudo procurou beneficiar a sociedade em geral, visto que o tema ainda é um tabu que vem causando sofrimento a muitas vítimas e precisa ser discutido para desmistificar. Também propõe auxiliar as próprias mulheres, para que seja garantido o direito à saúde física, psicológica e sexual, além de ressaltar a importância do conhecimento sobre o assunto, para que os profissionais estejam preparados frente a tais casos, evitando que as vítimas não sofram ainda mais, uma vez que eles desempenham um importante papel no destino dessas mulheres.

1.1 SEXUALIDADE FEMININA

O campo da sexualidade mantém uma relação inerente com o gênero, cujo desenvolvimento está estreitamente ligado aos movimentos sociais. O indivíduo moderno segundo Dumont (1993) constitui-se em duas faces, uma referente à sua constituição como sujeito político, livre, autônomo, portador de direitos de cidadania e outra com relação à sua fabricação subjetiva, por inúmeros dispositivos disciplinares que transformam as experiências do gênero e da sexualidade centrais para a constituição das identidades. Essa concepção de sujeito tem origem em determinada percepção cultural, temporal e histórica, que se distribui nas diferentes sociedades de modo também desigual (HEILBORN, 1999).

A questão de gênero funciona como precursora no modo como a experiência sexual é vivenciada pelos sujeitos, na medida em que as trajetórias masculinas e femininas são drasticamente distintas. Não precisamente pelas diferenças visíveis em seus respectivos corpos, mas principalmente em função da forma como as expectativas e as ideias com relação à experimentação sexual são marcadas pelo gênero, incluindo processos da cultura que muitas vezes se mostram de maneira sutil, relacionado à concepção de como se comportar com relação aos seus corpos (FOUCAULT, 2010; WOLF, 1992).

Ana Maria Ramos Seixas (1998) em seu livro “Sexualidade Feminina” apresenta a construção da sexualidade na história, com ênfase na trajetória feminina mostrando como foi construído o papel da mulher em diferentes épocas e culturas.

Evidenciando que a sexualidade e o papel da mulher estão intimamente ligados, pois não só com relação aos direitos e vida social existia desigualdade entre os gêneros, mas assim como na relação sexual, o homem também era considerado superior. O poder da igreja, da medicina e do homem por um longo período da história foram exaltados, ditando as regras da sociedade.

A igreja desempenhou forte influência na sexualidade, em especial nas mulheres que deviam se submeter a papéis estereotipados, impedidas de experimentar o prazer sexual. Uma vez que qualquer forma de prazer que não tivesse como objetivo a procriação era julgado como pecado.

Essas questões influenciam em como a mulher vê o sexo hoje, uma visão construída cultural e socialmente, movida por crenças que passaram de gerações para gerações, determinando como deve comportar-se, através de um papel idealizado e submisso que pouco a permite viver de forma saudável e prazerosa esse aspecto da vida. (SEIXAS, 1998).

A mulher tem um grande potencial de prazer não vivido, por conta desse papel estereotipado construído em cima dela. Naomi Wolf (1992) escreve sobre a capacidade de excitação e orgasmos da mulher.

Tecnicamente, os órgãos sexuais femininos são mesmo o que as antigas religiões temiam como a “vagina insaciável”. Capazes de orgasmos múltiplos, de orgasmos contínuos, de um orgasmo clitoriano forte e surpreendente, de um orgasmo aparentemente centrado na vagina, que é emocionalmente devastador, de um orgasmo por ter os seios acariciados e de inúmeras variações de todas essas reações combinadas, as mulheres tem uma capacidade de poder genital teoricamente inesgotável. (WOLF, 1992, p. 173).

Embora a mulher tenha esse potencial de prazer, ele não é usado e, muitas vezes, até desconhecido por conta da repressão sexual na qual as mulheres foram e ainda são submetidas (constantemente de uma forma sutil), visto que ela recebe uma educação alienante preparada para perceber a necessidade dos outros e não a sua (SEIXAS, 1998).

Vale ainda ressaltar, na época atual, a dupla função exercida pela mulher e sua influência na sua sexualidade, apesar de que no mundo moderno tenha conquistado direitos e espaços no mercado de trabalho; os afazeres da casa ainda continuam, na maior parte, por sua responsabilidade. A mulher moderna então trabalha fora, cuida dos filhos e da casa e ainda é submetida às ideias de consumo que giram em torno do mito da beleza. Todos esses aspectos acabam influenciando também da vivência da sexualidade (WOLF 1993, MOLLER, 2011).

1.2 A SEXUALIDADE E A TEORIA MORENIANA

Além das questões históricas e culturais, Seixas (1998) considera questões familiares e de personalidade do indivíduo para entender a sexualidade. De certa forma, ambas estão interligadas, uma vez que a personalidade é constituída na relação com o outro e no meio em que o indivíduo se insere.

Moreno fundamenta sua teoria na “espontaneidade” e na “relação”, acredita que o homem nasce espontâneo, com a capacidade de dar respostas novas a situações antigas e respostas adequadas a situações novas, e que é construído a partir da interação com o outro, é um homem em relação (SEIXAS, 1998; GONÇALVES; WOLF; ALMEIDA, 1988). Através da dramatização é possível resgatar a espontaneidade e criatividade do sujeito que são recursos inatos perturbados por sistemas sociais (conservas culturais) que criam padrões de comportamentos estereotipados, com valores e formas de participação na vida social,

provocando a automação do ser humano. Com base nessa teoria, o sexo pode ser compreendido como instrumento relacional e os distúrbios sexuais como um prisma dos distúrbios relacionais, permitindo dessa forma, considerar as influências históricas, culturais e familiares sobre a personalidade e sexualidade do ser humano (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

Os obstáculos ao desenvolvimento da espontaneidade encontram-se tanto no ambiente afetivo emocional, que o grupo mais próximo estabelece, quanto no sistema social no qual a família se insere. O grupo mais próximo caracteriza-se pela matriz de identidade, na qual Moreno definiu como “placenta social”, em que se estabelece a comunicação entre a criança e meio social da mãe inicialmente e aos poucos com os que estão mais próximos (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988). A matriz de identidade transmite à criança a “[...] herança cultural, os signos do meio a que pertence e um conjunto de valores, crenças, mitos, modelos de relacionamento, padrões de comunicação, preparando-a para incorporar-se gradativamente à sociedade.” (SEIXAS, 1998, p. 222). É essa preparação que irá formar a personalidade do sujeito. Inicia-se a partir do momento em que os pais ficam sabendo do sexo da criança no período de gestação, e as expectativas começam a ser depositadas em cima do bebê que ainda está para nascer. Dessa forma, a personalidade e a sexualidade, caracterizam-se como um processo evolutivo contínuo, que vai desde a gestação até o seu estágio de maturidade (SEIXAS, 1998).

1.3 VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER

A violência é um problema que vem acontecendo a milhares de anos, manifestando-se de diferentes formas em todas as sociedades e tradições culturais. Marcada por uma relação de poder e violação de direito de autonomia da vítima. (SCARPATI; ROSA 2014). É definida pela Organização Mundial da Saúde como:

Uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2002)

As definições e tipologias de violências diferem-se de acordo com o grupo ou pessoa a qual se direciona. Entre elas há violência contra a mulher, que por volta dos anos 80,

no Brasil, passou a ser estudada na literatura, através de algumas correntes teóricas. A origem desses estudos está na ocorrência de mudanças sociais e políticas no país, acompanhando o desenvolvimento do movimento de mulheres e o processo de redemocratização. Uma das correntes teóricas que busca compreender esse fenômeno social é a ideia de “dominação patriarcal”, uma visão “[...] influenciada pela perspectiva feminista e marxista, compreendendo a violência como expressão do patriarcado, em que a mulher é vista tal qual um sujeito social autônomo, porém historicamente vitimada pelo controle social masculino.” (SANTOS, 2005). Essa perspectiva do patriarcado foi introduzida no Brasil por Heleieth Saffioti, socióloga que possui alguns estudos que abordam o feminismo e o marxismo, de onde vem esta corrente. Para Saffioti, o patriarcado é mais do que uma dominação do gênero masculino sobre o feminino, tanto na questão política, ideológica e nas classes construídas historicamente (SAFFIOTI, 1987). Isso se confirma em estudos que mostram (COSTA et al, 2011; MELO et al, 2005; DREZETT, 2012) que parte significativa de mulheres violentadas são de classes populares, com baixa renda e com baixo nível de instrução, predominando ensino fundamental completo ou incompleto.

O uso do termo patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres possibilita visualizar que a dominação não está presente apenas na esfera familiar, trabalhista, na política ou na mídia, mas sim como composição da dinâmica social como um todo, estando inclusive, no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo, enquanto categorias sociais (MORGANTE; NADER, 2014).

A violência sexual faz parte de uma grande margem da violência contra a mulher e ocorre em populações de diferentes níveis de desenvolvimento econômico e social, em espaços públicos e privados, e em qualquer etapa da vida da mulher (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995). É caracterizada como a ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule o limite da vontade pessoal (TAQUETTE, 2007).

Estimativas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) divulgadas em 2014, revelam que cerca de 527 mil pessoas são estupradas no Brasil por ano. Desses casos, apenas 10% são denunciados, visto que a grande maioria dos casos intrafamiliares de estupros não são publicados por constrangimento ou mesmo por medo de alguma implicação nas relações familiares. Ainda há a banalização social dos comportamentos violentos que levam

as próprias mulheres a não identificarem como violência as agressões e pressões sofridas. (FORÚM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016).

A situação na qual nos encontramos, hoje, com relação à violência sexual contra a mulher, está relacionada com a forma em que foi construído o papel feminino e a sexualidade na sociedade ao longo da história. A mulher era vista como maternal, submissa, dependente, frágil e sem autonomia. Suas tarefas eram cuidar da casa e dos filhos, afastando-se cada vez mais das funções sociais. Consideradas poses de pais e maridos que tinham total controle sobre elas. Toda essa trajetória de dominação reflete atualmente, tanto da violência sexual contra a mulher, quanto na própria vivência da sexualidade delas.

1.4 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER

O fenômeno da violência contra a mulher provoca danos físicos e emocionais em suas vítimas embora seja difícil entendê-los separadamente, uma vez que qualquer tipo de violência afeta psicologicamente a vítima, porém os traumas físicos acabam por se sobressair sobre os psicológicos, que têm consequências tão devastadoras quanto (DREZETT 2003).

Com relação aos danos físicos, os traumatismos ocorrem com menor frequência, em compensação as taxas de doenças sexualmente transmissíveis aparecem de uma forma preocupante, pois cerca de 50% das mulheres em situação de violência sexual enfrentam alguma DST. A violência sexual pode resultar ainda em gravidez indesejada, impacto na vida reprodutiva e distúrbios sexuais, apresentando menor satisfação sexual, dispareunia (dor durante o ato sexual), falta de libido e outras sequelas (DREZZET, 2003; SOUZA 2013).

O impulso sexual excessivo também pode ocorrer em vítimas de violência sexual, mulheres adultas violentadas na infância ou adolescência podem apresentar alta atividade sexual (ROMARO; CAPITÃO, 2007).

Em alguns casos, a violência sexual pode levar inclusive à morte, tanto por homicídio como por suicídio. Pesquisas apontam que nesses casos, a vivência de violência, é um dos motivos precipitantes deste ato, ressaltando que as perdas interpessoais, as dificuldades de relacionamento e as histórias de violência física, verbal e sexual constituem as principais causas de tentativas de suicídio (SOARES, 1999; MARCODES, 2002 apud CORREIA, 2014).

As reações mais comuns nas vítimas com relação a fatores psicológicos e emocionais são: sensação de total desvalorização, seguida de ódio pelo próprio corpo, muitas

vezes acompanhado de distúrbios da alimentação e retraimento sexual (WOLF, 1992). O Ministério da Saúde (2012) afirma ainda que mulheres violentadas podem apresentar quadros de depressão, síndrome do pânico, ansiedade e distúrbios psicossomáticos.

Danos sociais também são enfrentados pelas vítimas de violência sexual, uma vez que muitas mulheres acabam sofrendo preconceito e discriminação pela sociedade. A humilhação e o constrangimento são bem frequentes, visto que elas, muitas vezes, são colocadas na posição de culpadas e rotuladas como provocadoras ou passivas. Por conta disso acabam evitando os atendimentos, para não serem julgadas ou mesmo por acreditar que de fato são culpadas (DREZETT, 2003; BESSA, 1994).

1.5 O SOCIODRAMA COMO MÉTODO DE PESQUISA

O sociodrama é um método do Psicodrama (linha teórica da psicologia) que surgiu do Teatro Espontâneo, criada por Jacob Levy Moreno. Fundamenta-se na epistemologia socionômica³ e tem o objetivo de superar a dicotomia da pesquisa quantitativa/qualitativa, ao priorizar a participação dos sujeitos na situação. Pode ser usado como método de pesquisa qualitativa dentro da psicologia, possibilitando uma investigação através da interação do grupo.

Existem dois tipos de sociodrama, os relacionados ao status nascendi, que surgem no momento do encontro, e o temático, em que o tema já é previamente determinado. Esses proporcionam um preaquecimento do grupo, por esclarecer previamente os temas propostos que representam os dramas dos participantes. Em ambos, o protagonista é o grupo, o drama abordado é sempre referente a um drama coletivo. Nas palavras de Moreno (1975 apud NERY et al., 2006, p. 413-415):

O verdadeiro sujeito do sociodrama é o grupo Há conflitos nos quais estão envolvidos fatores coletivos ... supra-individuais ... e que têm que ser compreendidos e controlados por meios diferentes ...pode-se, na forma de sociodrama, tanto explorar, como tratar, simultaneamente, os conflitos que surgem entre duas ordens culturais distintas e, ao mesmo tempo, pela mesma ação, empreender a mudança de atitude dos membros de uma cultura a respeito dos membros da outra.

Segundo Gonçalves (1988), existem alguns instrumentos que são necessários para uma sessão psicodramática, inclusive no sociodrama, e esses instrumentos são meios empregados na execução do método ou técnica. São eles: Cenário (Espaço onde ocorre a ação

³ Estudos das leis que regem o comportamento social e grupal.

dramática de acordo com as necessidades terapêuticas.); Protagonista (Sujeito que emerge para a ação dramática, simbolizando os sentimentos comuns ao grupo.); Ego-auxiliar (interage em cena com o protagonista, tendo função de ator, terapeuta — como auxiliar do protagonista — e observador social, proporcionando insights aos participantes na medida em que participa diretamente do clima emotivo do grupo.) e o público (conjunto dos demais participantes da sessão psicodramática).

Segundo Moreno (1974, 1975 apud NERY; COSTA; CONCEIÇÃO, 2006, p. 308) O método é dividido em etapas com início, meio e fim, em um único encontro. Essas etapas consistem em 1) Aquecimento: Preparação dos membros do grupo; 2) Dramatização: A vivência do tema/problema por meio de cenas ou personagens vividos pelos membros do grupo no espaço cênico. Nesta etapa o diretor-pesquisador utiliza de várias técnicas psicodramáticas para investigação/intervenção do problema; 3) Comentários: Fase de compartilhamento de sentimentos e de identificações com as problemáticas tratadas; 4) Processamento teórico: Análise das ações ocorridas no encontro. (NERY; COSTA; CONCEIÇÃO, 2006).

No decorrer da dramatização, algumas técnicas advindas do Teatro Espontâneo e do Psicodrama podem ser utilizadas pelo diretor, a fim de que o grupo tenha alguns insights dentre elas, a do duplo: o diretor (ou ego auxiliar) expressa o que os membros do grupo não conseguem expressar; a do espelho: o diretor (ou ego-auxiliar) passa a espelhar o protagonista, que assiste a si mesmo; e a inversão de papéis: em que o diretor solicita uma troca de papéis, convidando aquele que está num papel, em determinada cena, que inverta e se coloque no papel de outra pessoa. As técnicas são usadas quando há dificuldades no grupo para a resolução ou aprofundamento dos conflitos e objetivam contribuir para a co-criação (NERY; COSTA; CONCEIÇÃO, 2006; GONÇALVES, 1998).

O sociodrama propicia ao grupo a experiência terapêutica de seus conflitos no espaço dramático. Nesse espaço, é permitida a fluência da imaginação, ou do “como se” que promove a dramatização das situações-problemas, focando os papéis sociais e os sofrimentos coletivos. O efeito socioterapêutico é percebido por vários indicadores durante o sociodrama. O grupo demonstra, por meio das falas, expressões corporais e interações, um desenvolvimento da compreensão do problema, e dos aprendizados sociodramáticos. Tudo é percebido através de algumas ações dos participantes, como: falas referentes ao autoconhecimento; a expressão de desejos e emoções contidas; às compreensões das

motivações do outro; ao lidar com os não ditos; às novas estratégias diante de dificuldades; às tentativas coletivas de saídas para o conflito (NERY; CONCEIÇÃO, 2012).

2. MÉTODO

Esta pesquisa se caracteriza, quanto a sua natureza exploratória, pois, tem como objetivo identificar de que forma mulheres que foram violentadas sexualmente vivenciam sua sexualidade. Segundo Gil (2008) este tipo de pesquisa possui menor rigidez de planejamento, procuram desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, para a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Proporciona uma visão geral, aproximação, de determinado fato. O produto final passa a ser um problema mais esclarecido.

Com relação à classificação da natureza da pesquisa, classifica-se como qualitativa. Segundo Triviños (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições sujeitos que sejam fundamentais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto a ser pesquisado (TRIVIÑOS, 1987).

Para Gil (2008), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

Em relação ao procedimento utilizado para embasar a pesquisa, trata-se de uma pesquisa de campo que é empregada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos a respeito de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (LAKATOS; MARCOMINI, 2003).

Por fim, classifica-se como uma pesquisa-ação, que tende a ser pragmática, distinguindo-se da pesquisa tradicional, principalmente por pesquisar e ao mesmo tempo alterar o que está sendo pesquisado (TRIPP, 2005).

2.1 PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada com quatro mulheres vítimas de violência sexual. Como critério de inclusão, as participantes deveriam ser: mulheres, maiores de dezoito anos, que tenham sido vítimas de violência sexual.

O critério de pesquisa é caracterizado como intencional, por selecionar um grupo específico da população, que são mulheres vítimas de violência sexual com idade superior a dezoito anos. Segundo Gill (2008) esta amostragem se constitui como não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população.

2.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Quatro mulheres participaram da pesquisa. Duas são acadêmicas que souberam da pesquisa através do curso de psicologia. E as outras duas, são conhecidas da pesquisadora, sem nenhuma ligação com a universidade, que se dispuseram a participar.

O sociodrama é um método de pesquisa interventiva, que busca compreender e intervir em situações-problema do grupo, afim de que as experiências e os conflitos de cada integrante possam proporcionar uma ação afetiva, efetiva e ativa, possibilitando a busca de soluções práticas e reais para as dificuldades levantadas (NERY; COSTA; CONCEIÇÃO, 2006).

A escolha deste método teve como principio o objetivo de não causar danos aos participantes, a fim de procurar abordar e contribuir de forma construtiva para a tomada de consciência da sexualidade das participantes.

A coleta de dados foi realizada pelo professor e acadêmico pesquisador no Serviço de psicologia da UNISUL – Campus Tubarão no dia 28 de setembro de 2017. O encontro foi gravado por meio de vídeo, e realizado em um único encontro, com duração de uma hora e meia. Neste encontro foram abordadas questões como: autoestima, facilidade e dificuldades na vivência sexual, relação com os parceiros sexuais, autorrepressão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho foi realizado através de um sociodrama temático. O sociodrama, como um método do psicodrama possibilita ao grupo a vivência terapêutica de seus conflitos no espaço dramático, no qual é provocada a fluência da imaginação. Assim, promove-se a dramatização das situações-problemas, focando os papéis sociais e os sofrimentos comuns ao grupo. Caracteriza-se por um sociodrama temático por expor previamente o tema proposto da pesquisa, a sexualidade. (CUCKIER, 1992; NERY, CONCEIÇÃO, 2012).

O processo desenvolve-se em quatro etapas: aquecimento inespecífico, aquecimento específico, dramatização e compartilhar. Abaixo a descrição e os principais resultados da pesquisa realizada através de um encontro utilizando uma sessão de sociodrama.

Aquecimento

O aquecimento funciona como a primeira etapa de qualquer procedimento psicodramático, sendo um requisito técnico inicial da sessão dramática. Consiste em situar o participante para o trabalho a ser realizado, focando sua atenção em si mesmo e aquietando suas resistências em adentrar no novo. O objetivo do aquecimento é auxiliar o paciente a se desligar de fatores aleatórios, para poder mergulhar-se nos assuntos a serem trabalhados. Vale ressaltar que o aquecimento também é de suma importância para o terapeuta, pois também deve desligar-se de outros papéis desenvolvidos em sua vida e oferecer-se inteiro ao trabalho a ser realizado. (CUKIER, 1992)

Começou com um aquecimento inespecífico, utilizado a fim de preparar o grupo para o trabalho. O aquecimento inespecífico procurou situar o paciente na sessão com alguma atividade de natureza neutra, sem metas definidas (CUKIER, 1992). Iniciou-se com uma apresentação para o grupo, onde as participantes falaram um pouco de si, como: nome, idade e status de relacionamento. Conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Nomes fictícios para preservar a identidade das participantes

Nome (Fictício)	Idade	Status de relacionamento
Sônia	57 anos	Casada
Lorena	19 anos	Noiva
Manuela	18 anos	Relacionamento sério
Maíra	37 anos	Solteira

Também foram passados os objetivos da pesquisa e o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como a autorização para vídeo e gravação. Posteriormente, criou-se uma conversa sobre sexualidade onde cada uma expressou o que entendia por sexualidade.

Apareceram questões como: orientação sexual, autoestima, relação com o outro, sexualidade como algo inato e muito individual e a influência da religião. Seguem algumas falas:

Maíra: “Eu acho que sexualidade é o teu gosto sexual, tipo assim, eu sou transexual, então essa é a minha sexualidade (...). A gente é sexualidade ao meu ver.”

Sônia: “Na mulher bate muito forte essa coisa de se arrumar né, sexualmente se sentir bem, autoestima, porque eu percebo que sempre que eu consigo chegar ao orgasmo mais rápido é quando eu me sinto bem, quando eu to magra, bonita – falando em orgasmo e sexualidade –. Mas eu acho que muitas coisas se voltam para a sexualidade, a gente é pura energia (...) é inato a nós.”

Na fala de Sônia percebe-se a influência da relação com o corpo e autoestima na sexualidade. O corpo ideal, preconizado pela sociedade e propagado pela mídia, provoca nas mulheres uma insatisfação crônica, buscando sempre recursos para chegar ao modelo perfeito e ter um padrão de beleza apropriado, de acordo com os valores culturais impostos a elas. A mídia e a ideologia capitalista influenciam na concepção de corpo das mulheres, vendendo uma imagem muitas vezes não alcançável a todas, o que gera grande insatisfação e sofrimento (BORIS; CESÍDIO, 2007)

As mulheres que, diariamente, ganham espaço no mercado de trabalho e conquistam seus direitos, são donas de seus corpos, ,entretanto sentem-se escravizadas pelo padrão de beleza imposto. Dessa forma, percebe-se que o mito da beleza, que segundo Naomi Wolf é consequência da necessidade da cultura, da economia e da estrutura de poder contemporâneo de criar uma contra ofensiva contra as mulheres, influencia na autoestima e tem forte relação na forma como as mulheres experienciam a sexualidade.

Sônia ainda fala sobre a influência da religião na sexualidade:

Sônia: “A gente com 57 anos vem de uma geração onde tinha muitos bloqueios, falavam muito em pecado, a gente era obrigada a ir à igreja e lá tudo era pecado (...) a gente não se masturbava na adolescência, a gente tinha medo, parecia que tava fazendo alguma

coisa errada. E isso gera realmente vários problemas depois no relacionamento, porque a gente não consegue ter um orgasmo assim natural porque não praticou (...). Hoje eu sou uma mulher bem resolvida sexualmente, mas passei por diversos tabus, diversas dificuldades.”.

Lorena: “Falando um pouco sobre tabu, pra mim falar sobre isso ainda é um pouco difícil. Sexualidade é um tema difícil pra mim, e também tem um pouco essa questão do pecado, porque eu faço parte de um grupo de jovens e nesse grupo de jovens que se cobra muito isso, se vai em retiros que se falam disso, são retiros feitos para te fazer bem, só que acabam te fazendo mal.”

Manuela: “Acho que tem a ver com atração, relação com o outro”.

As participantes trouxeram diferentes concepções de sexualidade, trazendo algumas dificuldades enfrentadas, como a dificuldade de falar abertamente sobre o assunto, por ser um tabu alguma deixam isso transparecer de forma explícita (falando) e de forma implícita (retraimento do corpo, baixo tom de voz, frases curtas), mostrando que falar sobre sexualidade ainda é um tabu. Também há a influência da autoestima e da religião na sexualidade que funciona como um forte indicador das objeções encontradas, por reprimir e não permitir que a mulher conheça o próprio.

Ana Maria Ramos Seixas (1998) em seu livro “Sexualidade Feminina” ao fazer a trajetória da sexualidade feminina e do papel da mulher em diferentes épocas e culturas mostra como a igreja desempenhou forte domínio na sexualidade. Por muito tempo, principalmente nas mulheres, foi condenado o prazer físico, venerando a virgindade, limitado o ato sexual apenas para a procriação e tratada qualquer outra forma de prazer como pecado. Esse posicionamento recobria todos de culpa, rejeitando o desejo e impondo limites a sexualidade.

A vivência sexual era algo condenável e isso prejudicava ainda mais as mulheres que deviam se submeter a papéis estereotipados, impedidas de experienciar o prazer sexual. Essas questões influenciam em como a mulher vê o sexo hoje, uma visão construída cultural e socialmente, movida por crenças que passaram de gerações para gerações, determinando como deve comportar-se, através de um papel idealizado e submisso que pouco a permite viver de forma saudável e prazerosa esse aspecto da vida (SEIXAS, 1998).

Agora, é partir para um aquecimento específico. Os objetivos e consignas nessa etapa são mais precisos, a fim de preparar os pacientes para a dramatização. (CUCKIER, 1992) Usamos um jogo dramático como recurso técnico para esta etapa. Segundo Cuckier (1992) o jogo dramático permite uma aproximação terapêutica do conflito, “Ele propõe o

abandono da lógica formal e um adentrar na lógica da fantasia, resgatando, frequentemente, conteúdos inconscientes”.

Foi solicitado que as participantes desenhasssem um corpo na folha e que cada parte do corpo teria um significado, compartilhando o que produziram posteriormente. A relação orientada pela diretora e ego-auxiliar foram: cabeça: o que penso a respeito da minha sexualidade; os olhos: como me vejo, como vejo meu corpo; o coração: como me sinto; as mãos: como está minha relação com o outro, com os parceiros sexuais; a genitália: como está o meu prazer; e os pés: para onde estou caminhando.

Algumas falas das participantes sobre o desenho:

Lorena: “Ainda é difícil nas mãos em relação ao outro, é muito ruim porque tem muita briga”.

Manuela: “Eu acho que o mais chamou a atenção foi os pés e as mãos, as mãos por estar sempre inacabado e os pés por estar no início”.

Sônia: “O ciclo de vida né, 57 anos já, tudo que coloquei foi mais estável, normal”.

Maíra: “Satisfação (...) é sobre a gente pra saber como a gente está o que está sentindo (...) sinto satisfação”.

Na análise do jogo do desenho do corpo foi possível perceber mulheres que afirmam não ter superado ainda o trauma da violência, sentem-se reprimidas, com dificuldades com os parceiros sexuais e não se sentem bem com o corpo. Algumas participantes pensam em sua sexualidade como “disfuncional. Vista como tabu. Pecado e errado.”; “reprimida, atrofiada, indefinida”. Isso mostra que existem sentimentos de julgamento e autorrepressão e que a religião é um fator agravante. Afirmam não sentir-se bem consigo mesmas, não se veem de forma positiva com seu corpo, colocam defeitos em si. E também apresentam dificuldades com os parceiros, complicações em sentir prazer, afirmando brigar pela falta de libido ou por sentir como se sempre fosse “inacabado”.

Algumas consequências de violência sexual são encontradas na literatura tais como: os distúrbios sexuais como menor satisfação sexual, falta de libido, dispareunia que é a dor durante a relação, dificuldades no ajustamento sexual (dificuldades conjugais, impotência, ansiedade sexual, evitação de sexo e confusão quanto aos valores sexuais) (DREZZET, 2003; ROMARO; CAPITÃO, 2007).

As reações mais comuns nas vítimas com relação a fatores psicológicos e emocionais são: sensação de total desvalorização, seguida de ódio pelo próprio corpo, muitas

vezes acompanhado de distúrbios da alimentação e retraimento sexual (WOLF, 1992). Essas consequências aparecem nas participantes da pesquisa como mais uma dificuldade encontrada em sua sexualidade.

Já as mulheres que afirmam ter superado o trauma possuem algumas facilidades na vida sexual. Elas têm um bom relacionamento com seus parceiros sexuais e sente-se bem com seus corpos. Surgiram falas como “sou bonita, virtuosa”, “perfeita” e veem a sua sexualidade de uma forma positiva. Porém, é importante levar em consideração que as mulheres que afirmam ter superado a violência, são mãe e filha, o que pode influenciar nas respostas dadas por elas, no sentido de ter vergonha de expor ou de desejar mostrar-se mais forte e resolvida, a fim de não evidenciar suas fragilidades.

Uma das participantes ainda afirma ser ninfomaníaca que é ter a sexualidade muito aflorada, e a dificuldade que encontra é de não ter sexo sempre, principalmente, aqui no Brasil. Sabe-se que ela morava em outro país onde afirma que o acesso ao sexo era muito mais fácil e não estava próxima a família, que é outro fator que de certa forma a reprime. Tudo leva a pensar que a sexualidade não se apresenta em equilíbrio e sim como uma compulsão.

De um lado temos uma mulher que passa um momento estável da sexualidade e se diz bem resolvida com toda a situação. E do outro, uma com a sexualidade bastante aflorada, cheia de fetiches e fantasias, diagnosticada com ninfomania.

A ninfomania (impulso sexual excessivo) pode trazer sérias consequências como comprometimento da vida social, familiar e ocupacional por conta da negligência de responsabilidades em detrimento da busca pelo comportamento sexual, assim como uma maior exposição à contaminação de HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis. (MESSINA 2015). O impulso sexual excessivo tem forte relação com o abuso sexual na infância e na adolescência, assim como uma confusão quanto aos valores sexuais (ROMARO; CAPITÃO, 2007). Alguns transtornos de preferência sexual que incluem as parafilias: fetichismo (dependência de alguns objetos inanimados com estímulo para a excitação e satisfação sexual); voyerismo (excitação sexual em olhar pessoas envolvidas em comportamentos sexuais ou íntimos); sadomasoquismo (preferência por atividade sexual que envolve servidão ou a influição de dor ou humilhação). (DALGALARRONDO, 2000). Todos essas questões foram trazidas pela participante que afirma ter sido violentada sexualmente na adolescência.

Essa necessidade de construir cenários fantasiosos está intimamente ligada a experiências precoces de depravação, que podem ser tanto um abuso físico, sexual ou emocional. Os pacientes apresentam intensa necessidade inconsciente de recuperação, afetiva, emocional e pessoal os quais a levam a fantasias e comportamentos sexuais exacerbados (MESSINA, 2015).

Então percebemos que embora as mulheres que afirmam ter “superado” o trauma de violência sexual encontram-se em um momento de vida em que a sexualidade está em um momento estável – existe ainda a possibilidade de querer demonstrar suas fraquezas – ou transferem sua angústia apresentando desejo sexual excessivo como uma forma de recuperação pessoal que traz consequências negativas por conta do comportamento de risco apresentado.

Após compartilharem as vivências, em especial o desenho produzido, foi solicitado para as participantes sentarem de uma forma confortável, fecharem os olhos e pensarem em uma cena com a relação à sexualidade delas, com relação a tudo o que tinha sido discutido até o momento. Cada uma compartilhou um pouco de sua história e a cena que lhe veio à cabeça. As participantes então criaram uma nova história, usando a experiência de cada uma delas.

Apareceram cenas de abuso (a cena que foi vivida) por algumas participantes, cenas de ser flertada por homens na rua e, de uma cena de sexo, de um fetiche vivido por uma participante. Descrição das cenas trazidas pelas participantes:

Maíra: “Há alguns anos atrás, assim eu sou sexualmente bem resolvida, eu não gosto dessa coisa, de um namorado só, (...), eu gosto de trocas de casais, de sadomasoquismo, bondage, fetiches, vela e essas coisas, que pra minha mãe isso é coisas do diabo, mas essa é a minha sexualidade. (...) e aí eu lembrei de uma cena que eu tava com dois caras e eles eram bissexuais e a gente tava transando (...) gente tava na maior zueira, rolava muita droga também e de repente eu liguei a câmera assim né aí começou passar ao vivo para muitos países assistirem e os dois começaram a se beijar e aquilo me excitou muito.”

Manuela: “Veio uma cena de uma experiência que não foi traumática, mas tipo foi cômoda (...) e foi meio que relacionada ao que acontece hoje com o que aconteceu”.

Lorena: “Pra mim também veio uma cena de desconforto, eu não sei se seria desconforto físico, mas de invasão, uma sensação de ser usada.”

Sônia: “Me veio situações assim também de desconforto mas assim, mas adolescência e depois de recém casada (...) situações com homens querendo sempre flertar ou

ficar cantando a gente ,no trabalho, na amizade, eu aprendi assim a não confiar muito nos homens, isso me machucou bastante.”

Diante de todas essas situações e histórias compartilhadas, as participantes iniciaram a montagem de uma cena comum a todas, começando a dramatização.

Dramatização

A etapa da dramatização inicia-se no momento em que se delimita a situação-problema e a cena vai sendo montada. O diretor, junto com o protagonista montam a cena, delimitando o cenário e os personagens que fazem parte do drama (NERY, 2012)

As participantes criaram uma cena de violência sexual. Maíra sugere uma cena de violência sexual contra uma adolescente que vai até a igreja se confessar. Na cena dramática estão presentes: a adolescente, o padre e duas conhecidas da adolescente. A protagonista vai colocando cada participante em um papel e a cena se desenrola.

A adolescente chega até o padre para se confessar e ele a induz a mexer em sua genitália, e ao escutarem isso, as conhecidas das vítimas interferem na cena.

Conhecida 1: Mas não é bem assim! Você veio aqui para se confessar ou com outras intenções?

Diretor: O que você escutou que mexeu aqui com você?

Conhecida 1: O ato de ela estar sendo abusada.

Diretor: E o que você quer fazer?

Conhecida 1: Protegê-la.

(...)

Diretor: O que você vai fazer para proteger essa adolescente?

Conhecida 1: Tirar ela desse momento.

Diretor: Então vai lá. Vai falando com ela.

Conhecida 1: Precisamos sair daqui. Você precisa aprender a separar o que é bom pra ti e o que não é. Nós temos um termostato dentro do nosso coração que indica quando há perigo e quando não há... por onde você pode caminhar e por onde você não pode.

Adolescente: Mas eu sou uma adolescente, não tenho esse termostato!!

Conhecida 1: Mas você tem o coração. O coração de uma criança nunca falha.

Diretor: Ensina.

Conhecida 1: Ele sempre vai pulsar. Quando ele pulsar muito forte e der insegurança é porque é algo ruim.

(...)

Conhecida 2: Acho que em muitos momentos, sempre que tu tiver em uma situação assim, dificilmente teus pais vão estar por perto. E pode ser que muitas vezes estejam e fechem os olhos para isso (...) é difícil com quatorze anos tu entender, mas o teu coração vai dizer.

As participantes resolvem a questão da cena com a adolescente tirando do local de perigo e em um segundo momento vão em busca de uma punição para o padre, indo até a diocese.

Conhecida 1: Eu vim aqui falar de uma situação que eu presenciei, de uma adolescente sendo abusada por um padre dessa diocese.

Diretor (no papel do bispo): Olha, você deve ver bem porque o padre João é um excelente padre. Ele brinca muito com as crianças. Acho que vocês devem estar confundindo alguma coisa (...) As pessoas gostam muito de conversar com ele e, às vezes, as coisas podem misturar na cabecinha dos fieis.

Conhecida 1: Mas a gente tem prova. Essa adolescente pode estar contando o que aconteceu.

Diretor: Vocês trouxeram a adolescente aqui. Ela já falou. Então nós vamos fazer com que o padre João vá para outra diocese.

Não contentes com a situação, visto que desta forma o problema só deslocaria de lugar, as participantes foram até o padre. Neste momento perguntamos os sentimentos que as participantes sentem e aparecem: raiva, despeito, indignação. A cena é fechada com a conversa com o padre e as participantes relatam a angústia, a decepção e oferecem ajuda para que isso não volte mais a acontecer.

As participantes trazem que é como fica “nada acontece. As coisas ficam por debaixo dos panos e as vítimas ficam se tratando com psicólogos, com terapia,... e a vida vai seguir assim. Vai ser uma eterna batalha contra o que nunca vai acontecer. Sempre vai existir um abuso.” Maíra.

A cena escolhida novamente reforça o que as participantes trouxeram no aquecimento, a influência da religião. A escolha da cena foi uma igreja, em que o padre foi o abusador. O padre como um cluster paterno, que segundo Bustos (2005) simboliza a autoridade, a lei e a ordem, tendendo a estabelecer uma relação de assimetria, assim como o

padre, que dita às penitências, como o agressor que tira a sua integridade. E a igreja, que era pra ser um local de proteção, foi cenário de violência.

Há inclusive a queixa de que pessoas próximas fingem não ver ou não dar a devida importância ao acontecimento. Isso é algo relatado também pelas participantes. Muitos casos de violência sexual não são denunciados. É mantido o silêncio pelas vítimas, principalmente, quando acontece com membros da família ou pessoas próximas do meio familiar, por conta de ter medo do agressor, de ser julgada ou desacreditada pela família e sociedade. Esse silêncio é carregado de culpa, angústia e medo que trazem sérias consequências psicológicas às vítimas. Acontece também de as sofrentes relatarem a violência e nada ser feito, até mesmo a família que deveria “proteger” nada faz com a situação. (SOUZA; ADESSE, 2015).

Durante a dramatização existem as cenas reparadoras que se constituem no campo imaginário, a fim de fazer possíveis mudanças pessoais e grupais. É a oportunidade de fazer diferente, porém está sempre atrelada a legitimação do grupo ou dos limites coletivos. O sociodrama se prende mais a realidade, fazendo com que todos ajam de acordo com a cultura e as leis sociais das quais fazem parte (NETY; CONCEIÇÃO, 2012).

Então, as participantes reparam a cena de abuso, protegendo a adolescente, ensinando-a sobre situações de perigo, tentando de alguma forma punir o agressor, procurando as autoridades dentro da igreja, mas sem sucesso. E, como última tentativa, oferecem ajuda a esse padre.

A cena traz o que de fato as participantes viveram: uma situação de violência, descrédito das pessoas e a impunidade do agressor que é o que muitas vezes acontece no Brasil. E traz uma série de consequências para a vítima, tanto no âmbito emocional, social e sexual.

Compartilhamento

O momento do compartilhamento é para as participantes expressarem os sentimentos, emoções e pensamentos vivenciados no contexto dramático, proporcionando uma troca de experiências. “Essa troca de experiências visa refazer uma certa simetria entre os membros do grupo que, nesse momento, se despem um pouco de suas defesas intelectuais e ficam mais próximos do protagonista.” (CUCKIER, 1992)

Esta etapa segundo Nery; Conceição (2012) é fundamental para a criação do espírito grupal, para a saída das sensações de exposição ou de solidão. Busca despertar a gratidão, a solidariedade, a ternura entre os membros do grupo e também proporcionar a troca de feedbacks construtivos entre os participantes.

Diretor: Todas vocês foram um pouco essa adolescente. E o que vocês fizeram diante desse padre, na vida de vocês?

Sônia: Depois da indignação toda né (...) as coisas fazem com que a gente neutralize essas mágoas, essas coisas que ficam no passado, esses traumas. E nós temos que buscar, se deixar simplesmente vai vir à tona qualquer momento, a gente precisa ir lá e mexer naquela feridinha (...).

Maíra: Eu acho que quanto mais me machuca, mais me dá força para ir pra frente (...). E eu sempre pensei assim, eu sou forte, eu sou muito forte, eu sou muito guerreira e vou conseguir passar por isso. É como se eu tivesse uma caixinha bem pequeninha e botava todos esses pensamentos ali e seguia em frente. Até que um dia veio à tona. Eu chorei muito, eu me senti muito abusada, muito sentida, muito violada. E eu disse que daquele dia (...) quando eu voltar para o Brasil, eu vou colocar a boca no trombone, e foi o que eu fiz. Falei para os meus pais (...) e por eles serem meus pais eu queria que eles fizessem alguma coisa perante essas pessoas, porque pra mim eles não eram nada. Sabe o que é um nada (...) me dá desprezo, repúdio de olhar pra eles.

Diretor: Então, você sofreu por um tempo, sozinha e, nessa transformação, resolveu colocar tudo pra fora?

Maíra: Toda a mágoa, a mágoa que eu tinha me deu mais força pra vencer.

Diretor: E vocês? O que isso tem a ver com vocês?

Lorena: Eu ainda não consegui transformar. Eu tento, mas mesmo assim ainda é difícil porque em algumas situações, em alguns momentos, a gente acaba esbarrando sem querer nessas coisas e não é fácil.

Diretor: Quando você esbarra nessas coisas, qual a sua reação? O que você faz com isso?

Lorena: Eu não faço nada.

Diretor: Nada!! E aí você morre. Já a Maíra transforma em combustível.

Lorena: Sim.

Diretor: E você Manuela?

Manuela: O que aconteceu na época, eu tinha consciência do que era. Foi um conhecido da família, só que o problema foi a reação dos meus pais referente aquilo, tipo: “ah não foi nada”. Hoje é estranho. O que aconteceu foi meio que projetado para outras pessoas e isso foi gerando problemas na minha vida. Hoje essa pessoa frequenta a minha casa, não me causa nada.

Diretor: Você pegou o que aconteceu com essa pessoa e carrega para as outras relações?

Manuela: Isso! Esse é o problema.

(...)

Diretor: O que você faz então diante dessas outras relações?

Manuela: Eu tento passar por cima, eu tento relevar.

Diretor: E você, Sônia?

Sônia: Ao longo dos anos eu fui trabalhando, e foi se dissipando. Aparentemente eu achava que todos os homens eram maus, não da pra ser amiga de homem. Mas, aí, com o passar do tempo, eu vi que tinham homens que dava pra investir, só que sempre tendo uma postura. A mulher sempre tem que ter uma postura perante o homem. Ela tem que ter uma postura, se ela der uma folga ele vai avançar (...) Eu não via maldade. Quando eu via, já estava acontecendo (...) e aí eu pensava: por que a gente sempre acha que é culpada, né?! Algo vem a dizer que eu fui culpada e isso é que atrapalha muito no processo (...).

Diretor: Então os pensamentos foram mudando, você viu que não tinha culpa, que tem homens e homens.

Sônia: Na época não tinha essa informação que se tem hoje, foi um caminho longo mas que eu me sinto hoje vitoriosa.

Diretor: Então cada uma teve uma forma de administrar. Como foi para vocês pensar nisso tudo, relembrar algumas coisas, fortalecer outras?

Maíra: Pra mim foi mais um combustível. O que posso falar da minha vida, pode ajudar muita gente a superar, sabe!? É coisa de superação (...)

Lorena: Foi bom falar sobre. Difícil. Mas foi bom.

Sônia: Eu penso que quanto mais vai falando sobre isso, menos difícil vai ficando. No começo é muito difícil falar, depois a gente vai se acostumando e começa a ver de outra maneira.

Manuela: É bom ouvir, é bom ouvir as histórias.

Todas as participantes passaram por um período difícil, sentiram-se magoadas, culpadas, reprimidas, sem apoio. Algumas conseguiram neutralizar a situação com o passar do tempo ou usaram como “combustível” para a superação; outras ainda não conseguiram trabalhar essa situação, não conseguem fazer nada com relação a ela, ou estão tentando relevar.

O sentimento de culpa, o desamparo e descrédito da família aparecem novamente no compartilhamento. Esses são um dos principais fatores das mulheres não denunciarem a violência, pois se sentem culpadas e não veem como um ato de violência por conta de uma sociedade machista que culpa a vítima, e por constrangimento, medo, implicação nas relações familiares, e das atitudes da sociedade (Articulação de mulheres brasileiras, 2000).

Sônia ainda fala que com o passar dos anos foi trabalhando, mas vê que é necessário manter uma postura frente ao homem para que não aconteça novamente. Essa é uma questão que é pregada pela sociedade, a forma como a mulher deve se comportar. Para Loretoni (2006) “a simples consciência de ser um potencial objeto de violência, de uma possível agressão pertencente ao gênero feminino, não é apenas fonte de mal estar, mas também de significativas restrições de liberdade”. Assim, priva-se o direito de liberdade da mulher e justifica-se a violência sexual pela condição da vítima, tirando do homem a responsabilidade de discernir entre o certo e o errado. As participantes compartilham as dificuldades pelas quais passam ou passaram. Isso tanto em uma questão emocional de sentirem-se magoadas, culpadas como no social, por serem desacreditadas e, também, sexual, uma vez que se autorreprimem, ou se autorreprimiram, por ter que manter uma postura frente ao homem, não permitindo desta forma, serem elas mesmas ou fazerem o que tinham vontade. Também, pelo fato de ter dificuldade de falar sobre a sexualidade que não deixa de ser uma autorrepressão e de enfrentarem dificuldades nas suas relações com os parceiros, projetando para outras pessoas as consequências da violência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, a sexualidade feminina foi reprimida e esteve intimamente ligada com o papel da mulher na sexualidade. Toda essa construção cultural reflete ainda hoje na forma como a mulher experiencia sua sexualidade e na violência sexual praticada contra elas. Por conta disso, a pesquisa teve como objetivo geral analisar de que forma mulheres violentadas sexualmente vivenciam sua sexualidade.

Todas as participantes afirmam passar ou ter passado por dificuldades em sua sexualidade, algumas apresentando complicações com os parceiros sexuais por conta de discussões em virtude da falta de libido, ou por sentir como se a relação fosse sempre inacabada. Outra mulher afirma já ter passado por situações do tipo, ter tido dificuldades também no relacionamento com os parceiros, mas que hoje não externam mais, pois se encontra em um momento “estável” da sexualidade.

Elas apresentam ou, em algum momento da vida, apresentaram também baixa autoestima, colocando defeito em seus corpos, sentindo-se mal consigo mesmas, com sua autoimagem. Esse fator mostrou-se intimamente ligado à sexualidade, visto que o desejo, o prazer está relacionado com a forma que o ser humano feminino se sente e se vê.

Sentimentos de julgamento e autorrepressão também ficaram evidentes e a religião apareceu como um forte agravante da repressão sexual destas mulheres, uma vez que as impede de, ou já as impediu de, experienciar sua sexualidade sem que houvesse um sentimento de culpa.

A pesquisa evidenciou que mulheres violentadas sexualmente enfrentam ou, por algum período de sua vida, enfrentaram uma série de adversidades na vivência de sua sexualidade tais como dificuldades com parceiros sexuais, sentimentos de julgamentos e autorrepressão e baixa autoestima, tendo forte influência na sexualidade. Assim, algumas não conseguiram ainda superá-las; outras, afirmam estar em um momento mais estável, não manifestando dificuldades, ou transformam toda essas dificuldades em “facilidades”, apresentando um comportamento sexual exacerbado, chegando muitas vezes a uma conduta de risco.

Além disso, também apontou uma mulher que afirma não encontrar nenhuma dificuldade na sua vida sexual, considerando-a “sexualmente bem resolvida”. Porém, o fato de ser diagnosticada com ninfomania (desejo sexual excessivo), que é um transtorno em que as pessoas assumem comportamentos de risco, leva a pensar também que a sexualidade não se apresenta em equilíbrio e sim como uma compulsão, sendo a forma pela qual a participante buscou, inconscientemente, para a superação do trauma vivido.

A religião, os padrões de belezas impostos pela sociedade, o descrédito da sociedade com relação às mulheres violentadas sexualmente e a culpabilização da vítima são outros fatores que agravam essas situações, o que dificulta a vivência da sexualidade de uma forma mais saudável e prazerosa.

Com relação ao método de pesquisa, o sociodrama mostrou-se muito adequado, proporcionando às participantes, encontrarem a solução que convém ao momento presente, a verem um início de um caminho a ser seguido para superar o trauma da violência e as dificuldades que apareceram junto com ela. A possibilidade de escolher e reencenar completou o processo espontâneo e criativo grupal, permitindo olhar de outra maneira, uma ressignificação, visto que o sociodrama tem como princípio central exteriorizar o que se oculta nas relações e faz o adoecer social, buscando respostas mais saudáveis.

Sendo assim, faz-se oportuno recomendar novas produções científicas, em especial na área da psicologia, referente ao tema, pois, a maior parte das pesquisas realizadas sobre a violência sexual contra a mulher está na área da medicina ou enfermagem. Nesse sentido, vale dizer que há diversos estudos que focam a violência com crianças e adolescentes, e não contra esta parcela específica da população.

REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO DE MULHERES BRASILEIRAS. **Políticas públicas para mulheres no Brasil**: Balanço nacional cinco anos após Beijing. Brasília: AMB, 2000

BESSA, Karla Adriana M. **O crime de sedução e as relações de gênero**. N. 2, 175-96, Campinas: Unicamp, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1716>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc ; CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Rev. Mal-Estar Subj. v.7 n.2 Fortaleza set. 2007

BRASIL. Ministério da Saúde. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**. 3 ed., Brasília: 2012. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao_agravo_violencia_sexual_mulheres_3ed.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2017.

BUSTOS, D. M. **O Psicodrama: Aplicações da técnica psicodramática**. São Paulo: Ágora, 2015.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE INFECÇÃO PELO HIV EM MULHERES E CRIANÇAS. Rio de Janeiro. **Profilaxia pós-infecção de mulheres estupradas**. Rio de Janeiro: jan/2002.

CORREIA, Cíntia Mesquita. et al. **Representações sobre o suicídio para mulheres com história de violência doméstica e tentativa do mesmo**. vol. 23 n.1 Florianópolis: Jan./Mar.

2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072014000100118&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 16 jun. 2017.

DALGALARRONDO, P. **Psicologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DREZETT, Jefferson. et al. **A Clínica em situação de abuso sexual: aspectos conceituais e atuação interdisciplinar**. São Paulo: vol. 36, n.2, 346-350, 2012. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/clinica_situacoes_abuso_sexual_aspectos.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

DREZETT, Jefferson. Violencia sexual contra a mulher e impacto sobre a saúde sexual e reprodutiva. **Revista de Psicologia da UNESP**: São Paulo, vol. 2, n. 1, 36-50. Jan./2003. Disponível em: <<http://revpsico.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/view/13/26>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

DUMONT, L. **O individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

FORÚM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de segurança pública. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf> . Acesso em: 16 jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Camila Salles; WOLFF, José Roberto; ALMEIDA, Wilson Castello. **Lições de Psicodrama: Introdução ao pensamento de J.L. Moreno**. São Paulo: ÁGORA, 1988.

HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da saúde**. Brasília: mar/2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCOMINI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed., São Paulo : Atlas, 2003.

LORETONI, Anna. Estado de direito e diferença de gênero. In: COSTA, PIETRO; ZOLO, DANILO. **O Estado de Direito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MELO, Zélia Maria; SILVA, Diogivânia Maria; CALDAS, Marcus Túlio. **Violência intrafamiliar : Crimes contra a mulher na área metropolitana de Recife**. Maringá: v. 14, n.1, 111-119, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a14v14n1>>. Acesso em: 15 de jun de 2017.

MESSINA, B. **Impulso Sexual Excessivo: Aspectos neurológicos no estado de vigília e pós estímulo sexual**: Estudo experimental. Dissertação (mestrado) - FMUSP. São Paulo ,2015.

MOLLER, Cínthia Vieira. **A sexualidade feminina pela perspectiva da Gestal-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica**. Ver. Abordagem gestalt. Vol 17 nº1 Goiânia, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100003>. Acesso em: 10 de jun de 2017.

MORGANTE, Mierela Marin; NADER, Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DO AMPU-RIO, XVI., 2014, (Anais). Rio de Janeiro: 2014

NERY, Maria da Panha; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. **Intervenções Grupais: Psicodrama e seus métodos**. 1. Ed., São Paulo: Ágora, 2012.

NERY, Maria da Penha; COSTA, Liana Fortunato; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. **O Sociodrama como método de pesquisa qualitativa**. Ribeirão Preto: vol. 16, n. 35, 305-313, set/dez.2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300002> . Acesso em: 15 de jun de 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Relatório mundial sobre violência e saúde. Disponível em: <<https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>>. Acesso em: 16 de jun de 2017.

PORTO, Maria Laura; AMARAL Waldemar Naves. **Violência sexual contra a mulher: Histórico e conduta**. FEMINA, vol 42, n. 4, Ago.2014. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2014/v42n4/a4594.pdf>>. Acesso em: 15 de jun de 2017.

ROMARO, R. A; CAPITÃO, C. G. **As faces da violência: aproximações, pesquisas, reflexões**. São Paulo: Vetor, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFIOTI. Heleieth Iara Bongiovani; ALMEIDA, Suely Souza. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SANTOS, Cecília Macdowell. **Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre Estudos Feministas no Brasil**. Rev. E.I.A.L., Vol. 16, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/482>>. Acesso em: 15 de jun de 2017.

SCARPATI, ArielleSagrillo; ROSA, Edinete Maria; GUERRA, Valeschka Martins. **Representações sociais da violência sexual na produção científica nacional**. Curitiba: vol.32, n.77,p.9-18, abr./jun.2014. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=14610&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 15 de jun de 2017.

SEIXAS, Ana Maria Ramos. **Sexualidade Feminina. História, cultura, família – Personalidade & Psicodrama**. São Paulo: SENAC, 1998.

SOUZA, Cecília de Mello e; ADESSE, Leila.(Org.). **Violência sexual no Brasil: perspectivas e desafios**, 2005. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SOUZA, Flávia Bello Costa. et al. **Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual.**; vol.27, n. 3, 98-1003, mar. 2013. Disponível em: <<http://recli.elsevier.es/pt/aspectos-psicologicos-mulheres-que-sofrem/articulo/S141320871300006X/>>. Acesso em: 15 de jun de 2017.

TAQUETTE, Estela R. **Mulher adolescente/jovem em situação de violência.** Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2007.

TOLOI, Maria Dorneles Cunha; SOUZA, Rosane Mantilla de Souza. **Sociodrama temático: um procedimento de pesquisa.** Rev. Bras. Psicodrama vol.23 n.1. São Paulo: 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932015000100003> Acesso em: 18 de jun de 2017.

TRIPP, David. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

TRIVIÑOS, Augusto Nibalbo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: ROCCO, 1992.